

O mundo mais pobre

Os dados foram divulgados pelo Banco Mundial: neste fim de milênio, o mundo ficou mais pobre. Calcula-se que 1,5 bilhão de pessoas, em todos os continentes, estejam, hoje, na faixa da miséria, vivendo com apenas um dólar por dia. A legião de miseráveis aumentou, no último quinquênio, à razão de cem milhões por ano em todo o planeta.

Países como o Brasil, que cresceram, até recentemente, a taxas anuais próximas de 5%, deverão reduzir a velocidade do desenvolvimento. O índice de crescimento demográfico está em torno de 2% ao ano. E o da economia ficará ao redor de 1,5%.

O presidente do Banco Mundial, James Wolfensohn, citou expressamente o Brasil. Admitiu que o país tem exagerada porcentagem de desemprego, taxa elevada de pobreza rural, grande número de crianças de rua e enorme dependência dos pobres em relação ao Estado.

O quadro é grave. Mas o Brasil tem saídas se explorar suas enormes potencialidades. Ao contrário da maioria dos países com elevada população na faixa de pobreza, o país possui cerca de 3,5 milhões de propriedades rurais, das quais 35 mil são consideradas latifúndios improdutivos, em área de 152 milhões de hectares. Essas terras podem ser aproveitadas para programas agrários de massa.

O avanço das fronteiras agrícolas rumo ao Centro-Oeste e ao Norte ocorrido nos anos

80 e começo dos 90 beneficiou menos os pequenos e médios proprietários do que os grandes fazendeiros. O governo do presidente Fernando Henrique Cardoso já suplantou o dos dois antecessores em número de assentamentos de sem-terra.

Do ponto de vista físico, o país dispõe de espaço para absorver, em prazo relativamente curto, entre 100 mil e 120 mil famílias no campo. Para isso, porém, é indispensável uma política agrária firme, baseada na melhoria da assistência técnica permanente, tendo por base o financiamento a juros baixos destinado primordialmente aos pequenos e médios agricultores.

Outro setor em que as necessidades do país são grandes — e crescem de ano para ano — é o de habitação. Calcula-se que faltam, hoje, moradias para sete milhões de famílias. A retomada de um programa para construção de casas de baixo custo para os sem-teto e a implantação de infra-estrutura sanitária e social diminuirão o desemprego e, obviamente, o déficit de moradias.

A natureza e a extensão dos problemas nacionais indicam os rumos a serem traçados para o país reativar a economia e reduzir, o mais rapidamente possível, as disparidades entre ricos e pobres. O caminho deve ser perseguido com vontade e determinação política. Só assim os brasileiros poderão sonhar com a construção de uma sociedade mais justa, com menor desigualdade e maior perspectiva de futuro.